

**Ecos do abismo:
a psicanálise na era do trauma climático**
*Echoes of the abyss:
psychoanalysis in the era of climate trauma*

Maria Luiza Gastal*

*Membro associado da Sociedade de
Psicanálise de Brasília (SPBsb).

Maria Luiza Gastal
malugastal@gmail.com

Resumo

Destaco algumas ideias de Harold Searles e Thomas Woodbury, em diálogo com os conceitos freudianos de trauma e pulsão de morte para pensar a catástrofe climática desde uma perspectiva psicanalítica. Searles argumenta que o ambiente não humano é crucial para o desenvolvimento psicológico humano, sugerindo que a desconexão da humanidade com a natureza contribui significativamente para o sofrimento psíquico. Woodbury introduz o conceito de “trauma climático”, descrevendo-o como uma nova forma de trauma que atravessa diversas esferas da vida, resultante das mudanças climáticas. Essas ideias são colocadas em diálogo com Freud e sua ideia de trauma como um evento que supera a capacidade do indivíduo de processar a experiência, levando a perturbações duradouras. Proponho que a psicanálise amplie seu foco para incluir o ambiente não humano, e reimaginar nosso relacionamento com o planeta para enfrentar a crise climática e os seus efeitos traumáticos.

Palavras-chave: trauma, catástrofe climática, ambiente.

Abstract

I highlight some ideas from Harold Searles and Thomas Woodbury, in dialogue with Freudian concepts of trauma and the death drive, in order to think about the climate catastrophe from a psychoanalytic perspective. Searles argues that the non-human environment is crucial to human psychological development, suggesting that humanity's disconnection from nature contributes significantly to psychological suffering. Woodbury introduces the concept of “climate trauma”, describing it as a new form of trauma that cuts across different spheres of life, resulting from climate change. These ideas are placed in dialogue with Freud and his idea of trauma as an event that overwhelms the individual's ability to process the experience, leading to lasting disturbances. I propose that psychoanalysis should broaden its focus to include the non-human environment, and reimagine our relationship with the planet to address the climate crisis and its traumatic effects.

Keywords: trauma, climate catastrophe, environment.

Vislumbrando o abismo

Querida peínam matafele,
quero lhe falar sobre a lagoa
essa lagoa lúcida e sonolenta,
repousando contra o amanhecer.

Dizem que um dia
essa lagoa irá devorar você,
que ela roerá a costa,
mastigará as raízes das suas árvores de
fruta-pão,
engolirá fileiras de seus muros de
contenção
e trituará os ossos quebrados da sua ilha.

Dizem que você, sua filha
e sua neta também
vão vagar sem raízes,
com apenas um passaporte para chamar
de lar.¹

(Kathy Jetñil-Kijiner)

¹ <https://www.oc.eco.br/mudancas-climaticas-intensificaram-chuvas-no-rio-grande-do-sul-diz-estudo/>

O planeta vive uma intensificação alarmante das mudanças climáticas, resultado do expressivo aumento nas emissões de gases de efeito estufa (GEE) pela utilização de combustíveis fósseis e pela alteração do uso do solo. A concentração de dióxido de carbono na atmosfera passou de 280 partes por milhão (ppm) no período pré-industrial para 379 (ppm) nos dias atuais, com um crescimento de 80% nas emissões de GEE entre 1970 e 2004³. Esse aumento sem precedentes resultou em um incremento médio de 1,1°C na temperatura global e em mudanças climáticas inéditas nas diversas regiões do planeta³.

Ao contrário do que afirmam os autodenominados “céticos climáticos”, isso não reflete o ciclo natural do planeta. Sim, a Terra alternou entre períodos de aquecimento e resfriamento, mas a velocidade das mudanças atuais não tem precedentes, com incrementos que levaram milhares ou milhões de anos ocorrendo no tempo de gerações da espécie responsável pela velocidade das mudanças, com consequências devastadoras. Cada incremento de 0,5°C na temperatura global intensifica a frequência e a gravidade de eventos climáticos extremos³. Com um aumento de 1,5°C, as ondas de calor poderão ocorrer até 4,1 vezes mais frequentemente, enquanto um incremento de 2°C pode elevar à frequência em 5,6 vezes³. Tais alterações rompem com os padrões históricos do planeta, ameaçando a estabilidade dos ecossistemas e a sobrevivência das espécies, inclusive a nossa.

Os impactos das mudanças são cada vez mais notáveis. Aproximadamente metade da população mundial enfrenta grave escassez de água por pelo menos um mês a cada ano, e a ocorrência de eventos climáticos extremos já levou milhões de pessoas ao deslocamento forçado⁴. O futuro chegou, e o Brasil é um dos lugares onde ele chegou com mais violência.

Em 2024, o Brasil enfrentou uma série de eventos climáticos extremos e destruidores. O Rio Grande do Sul foi atingido por intensas chuvas que resultaram em inundações severas, afetando mais de 2,4 milhões de pessoas em 93% dos municípios gaúchos. As enchentes deixaram 182 mortos e centenas de pessoas em abrigos provisórios^{2,3}. Enfrentamos secas e queimadas em várias regiões. No primeiro semestre de 2024, os índices de incêndios florestais no Amazonas e no Mato Grosso aumentaram em 104% em comparação ao mesmo período do ano anterior⁴. As queimadas devastaram a vegetação e contribuíram para a deterioração da qualidade do ar, aumentando os riscos de doenças respiratórias^{3,4}. A combinação de secas e queimadas exacerbou a vulnerabilidade de comunidades humanas, sobretudo as já afligidas pela pobreza e pela falta de infraestrutura. Cerca de 25 milhões de

2 <https://opecb.org/2024/09/12/a-era-das-doencas-climaticas/>

3 <https://www.ufsm.br/projetos/institucional/observatorio-crise/2024/07/18/eventos-climaticos-extremos-atualizacao>

4 <https://www.oc.eco.br/mudancas-climaticas-intensificaram-chuvas-no-rio-grande-do-sul-diz-estudo/>

brasileiros foram afetados por desastres climáticos em 2024, mais de 10% da população do país, com o aumento de doenças, como leptospirose, e problemas respiratórios⁴.

É clara a urgência da necessidade de políticas públicas e ações para mitigar os efeitos das mudanças climáticas e proteger, sobretudo, as populações mais vulneráveis, mas não é o que temos visto acontecer. Os resultados das eleições para prefeitos, no Brasil, e para a presidência, no país mais rico do mundo, mostram que seguimos rumando ao precipício, agravando a catástrofe. Alguns enfatizam o caráter de desmentida de nossas ações. Outros, as remetem à pulsão de morte. Mas o que fazem os psicanalistas quando veem um analisando caminhando rumo ao precipício? O que pode (ou não) fazer a psicanálise diante de um mundo que se desfaz?

Freud e o Trauma

Chamamos assim a uma vivência que,
no espaço de pouco tempo, traz tal
aumento de excitação à vida psíquica,
que a sua liquidação ou a sua elaboração
pelos meios normais e habituais
fracassa o que não pode deixar de
acarretar perturbações duradouras no
funcionamento energético.
(Laplanche, 2001, p. 523)

A psicanálise surgiu como uma teoria do trauma e as suas repercussões na cultura sexualmente reprimida da Viena no século XIX, e, desde seu início, sua relação (e a de Freud) com o conceito de trauma tem sido conflituosa. Esse conflito inicia com Freud rejeitando a conexão observada por ele entre a histeria e o abuso sexual infantil. Não cabe aqui uma revisão do conceito, mas um passeio breve por alguns de seus desvios e atalhos, para ajudar a compreender sua importância para a compreensão psicanalítica da catástrofe climática.

Inicialmente, Freud (1896/2016) associava o trauma a eventos reais que causavam um impacto profundo no psiquismo do indivíduo. A partir de 1897, numa carta a Fliess (Masson, 1985), começa a considerar que não apenas eventos reais, mas também fantasias inconscientes poderiam ter efeitos traumáticos; fantasias que passaram a tomar, cada vez mais, o lugar dos eventos reais na gênese do trauma. Ainda assim, Freud mantém uma dimensão de choque, evento de grande intensidade que supera a capacidade do indivíduo de

processar e integrar psiquicamente a experiência vivida. Isso é evidente quando, em 1917, Freud explica que a expressão “traumática”:

Não tem outro sentido senão esse, econômico. Chamamos assim uma vivência que, num curto espaço de tempo, traz para a vida psíquica um tal incremento de estímulos que sua resolução ou elaboração não é possível de forma costumeira, disso resultando inevitavelmente perturbações duradouras no funcionamento da energia. (Freud, 1917/2014a, p. 367)

Freud (1896/2016) também propôs que o trauma ocorre em dois tempos: primeiro, um evento inicial deixa marcas no inconsciente; depois, um segundo evento reativa essas marcas, desencadeando a experiência traumática. A incapacidade do psiquismo de processar a excitação gerada resulta em sintomas traumáticos. Mais tarde, introduz a pulsão de morte, relacionando-a à compulsão à repetição (Freud, 1920/2010b). A pulsão de morte está intimamente ligada ao trauma, que refletiria uma tendência inerente do organismo de retornar a um estado de inércia, repetindo experiências dolorosas de forma compulsiva. Em *Inibição, Sintoma e Angústia* (Freud, 1926/2014b), Freud enfatiza a noção de desamparo no trauma, resultado do ataque ao Eu pelas excitações internas e pelo mundo externo.

Apesar dos desvios e das negativas sofridos ao longo da obra de Freud, ainda em *Moisés e o Monoteísmo* (Freud, 1939/2018a), em que a ideia do trauma em dois tempos ganha prevalência, Freud destaca que o trauma é “uma reação extraordinária, anormal, a vivências e demandas que tocam a todos os indivíduos e são por eles trabalhadas e resolvidas de outra maneira, que pode ser chamada de normal” (p. 103) e no *Compêndio de Psicanálise* reconhecia a neurose traumática como exceção ao trauma em dois tempos: “Talvez a assim chamada neurose traumática (por um susto muito grande, ou severos abalos somáticos como choque de trens, soterramento etc.) constitua uma exceção; até agora a pesquisa não constatou ligação entre ela e a condição infantil” (Freud, 1940/2018b, p. 242).

Choque, velocidade, intensidade, desamparo, dimensões do trauma que seguem ocupando a literatura psicanalítica. E o ambiente?

A dimensão traumática das mudanças climáticas no planeta

Quem me dera ao menos uma vez
Explicar o que ninguém consegue entender
Que o que aconteceu ainda está por vir

E o futuro não é mais como era
antigamente
(Renato Russo, Índios)

Apesar da psicanálise enfatizar o caráter especial do animal humano, com sua subjetividade e a cultura que o leva tão longe, somos, ainda e sempre, organismos de um mundo feito também de outros seres, animados e inanimados. E este mundo, frequentemente hostil, como nos lembra Freud (1930/2010c), é, sobretudo, o palco em que nos constituímos historicamente como espécie e, depois, como seres de cultura. Os mais antigos hominídeos datam de cerca de 6-7 milhões de anos, o gênero *Homo* de 2,5 milhões de anos e o *Homo sapiens*, de cerca de 300 mil anos⁵. As primeiras evidências de cultura apareceram há 100-200 mil anos. Nossa evolução cultural é um breve sopro, comparada com nossa história biológica. Este planeta, com seus elementos vivos e não vivos, nos gestou e criou.

Em 1960, o psiquiatra e psicanalista estadunidense Harold Searles publicou um livro discutindo a influência do ambiente e suas relações sociais sobre o desenvolvimento psíquico e a psicopatologia. Searles trouxe ali uma novidade infelizmente esquecida pelo pensamento psicanalítico. Por “ambiente”, Searles não compreendia somente as dimensões intersubjetivas e sociais, mas também o ambiente não humano – vivo e não vivo.

A tese deste livro é que o ambiente não humano, longe de ser de pouca ou nenhuma importância para o desenvolvimento da personalidade humana, constitui um dos ingredientes mais fundamentalmente importantes da existência psicológica humana. É minha convicção que existe dentro do indivíduo humano um senso, seja em nível consciente ou inconsciente, de relação com seu ambiente não humano, que essa relação é um dos fatos transcendentais importantes da vida humana, que, como acontece com outras circunstâncias muito importantes na existência humana, é uma fonte de sentimentos ambivalentes para ele, e que, por fim, se ele tenta ignorar sua importância para si mesmo, o faz em detrimento de seu bem-estar psicológico. (Searles, 1960, pp. 5-6)

A partir de sua experiência com pacientes esquizofrênicos, ele buscou mostrar como o ser humano não pode ser compreendido (ou tratado) fora de seu ambiente e que a despeito de ter vivido, por centenas de milhares de anos, numa relação íntima de parentesco com o resto do ambiente, nossa espécie (ou parte dela, diríamos) foi se divorciando desse

5 <https://www.blogs.unicamp.br/paleoblog/2016/11/22/20-de-novembro-e-origem-dos-hominideos/>

ambiente a partir de certo momento de sua história, com consequências importantes para seu psiquismo.

Searles atribui esse divórcio, em primeiro lugar, ao cristianismo, que prega que uma aproximação do ser humano a Deus, pelo abandono de nossos impulsos “animais” (em contraste, por exemplo, com o panteísmo grego, em que as deidades frequentemente tomavam formas animais ou vegetais). Em segundo, à ciência moderna, que nega o valor da subjetividade no conhecimento e, “associada aos componentes mais ascéticos da religião cristã, fomenta no homem a convicção de que ele é (...) alheio a seu ambiente não humano” ao mesmo tempo em que produz “dados abundantes e convincentes (...) mostrando quão intimamente relacionado ele está a esse ambiente” (Searles, 1960, p. 8). Lembra ele que, desde os pontos de vista psicológico, fisiológico, anatômico (na escala micro e macroscópica), em suas ontogenia e filogenia e em sua constituição química, os seres humanos são intimamente relacionados não só ao ambiente vivo, mas também ao não vivo, que os constitui e ao qual, como lembrou Freud (1920/2018) em *Além do Princípio do Prazer*, eles, irremediavelmente, retornam.

Considerando o fato de que nossa história evolutiva e vida psíquica são tão intimamente relacionadas a esse mundo externo, Searles faz uma proposta radical: a de que a psicanálise amplie o foco de sua investigação para incluir não

apenas essa esfera mais ampla de tudo que vive; espero que os dados clínicos que serão apresentados mais adiante aqui, como a base sólida deste livro, convençam o leitor de que a psicanálise precisa se preocupar com o ambiente não humano total, incluindo os elementos inanimados, bem como os vivos. (Searles, 1960, p. 13)

Searles discute inúmeros casos clínicos que revelam a importância do ambiente não humano, defendendo que uma característica marcante da esquizofrenia é a incapacidade de conceber um ambiente não humano à parte e imensamente maior do que qualquer ser humano ou mesmo a humanidade. O paciente concebe o ambiente como uma expressão da personalidade de outra pessoa onipotente (ou de si mesmo, quando se sente onipotente). Incapaz de se diferenciar dele, percebe as mudanças no ambiente como ameaças à sua identidade. Mas não somente o paciente esquizofrênico.

nós, “normais”, somos semelhantes ao paciente esquizofrênico: também temos uma tolerância limitada para a exposição à complexidade e à mudança em nosso ambiente não humano, um limite até o qual podemos considerar essa

complexidade e mudança como enriquecedoras para o ego, mas além do qual se tornam desintegradoras para nós. (Searles, 1960, p. 406)

E nosso ambiente externo, na contemporaneidade, muda a uma velocidade cada vez maior. Não somente o ambiente “natural”, afetado pelas mudanças climáticas, mas também como resultado de uma cultura da velocidade. Uma cultura que, como lembra Bauman (2001) enfatiza a mudança veloz, o fluxo ininterrupto de informação e consumo. Não mais a transitoriedade da vida ou da história, assinalada por Freud (1916/2010a), mas a volatilidade do mundo e de seus referenciais físicos e culturais. Estamos constantemente patinando sobre gelo fino.

“Indivíduos frágeis” destinados a conduzir suas vidas numa “realidade porosa”, sentem-se como que patinando sobre o gelo fino (...). Indivíduos (...) precisam de segurança, anseiam por segurança, buscam a segurança e assim tentam, ao máximo, fazer o que fazem com a máxima velocidade. Estando entre corredores rápidos, diminuir a velocidade significa ser deixado para trás; ao patinar em gelo fino, diminuir a velocidade também significa a ameaça real de afogar-se. Portanto, a velocidade sobe para o topo da lista dos valores de sobrevivência. (Bauman, 2001, p. 260)

Woodbury (2019) defende que a crise climática não se limita a induzir o trauma — ela é uma nova forma de trauma que atravessa as mais diversas circunstâncias de nossa vida. Afinal, pergunta ele, quando dizemos as palavras ‘mudança climática’, não estamos falando “de um ataque generalizado e contínuo à biosfera global (...) que ameaça a extinção em massa e sobrecarrega nossa capacidade emocional? Não é essa a própria definição de trauma?” (Woodbury, 2019, p. 2). As mudanças climáticas resultariam numa forma inteiramente nova de trauma, de magnitude acima de outras categorias de trauma, com características únicas, propondo o conceito de “trauma climático”. O que diferencia radicalmente o trauma climático dos demais, afirma Woodbury, é o fato de que nele não há tempo passado e

cabe a nós contemplar as mudanças anormais que estão ocorrendo em nossa consciência de grupo, que estão tão próximas quanto as manchetes de hoje: níveis sem precedentes de polarização, a ponto de renunciar a fatos científicos e históricos; aumento da prevalência da mentalidade de vítima; níveis sem precedentes de deslocamento e migração dando origem a formas extremas de nacionalismo; negação/distração/vício em massa; concentrações obscenas de riqueza (acumulação); e crescente instabilidade nos mais altos níveis de

governança, incluindo ameaças elevadas de guerra nuclear e/ou mundial. (Woodbury, 2019, p. 4)

O trauma climático seria, assim, uma ameaça existencial sempre presente, que põe em dúvida nossa ideia de futuro, alterando fundamentalmente a maneira como vemos o mundo e nosso lugar nele. Não há um segundo tempo, não há futuro. Nossa própria ideia a respeito do que é ser humano fica em questão⁶.

Para Krutzen (2023), na concepção de Freud, a natureza tem um papel estruturalmente traumatizante, porque, indiferente ao nosso sofrimento e desamparo, ela constitui uma ameaça excessiva, da qual precisamos dar conta. Os esforços de antropomorfização e de conversão de deuses primitivos inspirados em seres da natureza ou figuras parentais seriam, como defende Freud (1927/2014c) uma tentativa de aplacar o furor dessa ameaça. Mas, por mais ameaçadora que fosse dos começos da Revolução Industrial, ainda parecia ter uma constância confortadora, revelada nos ciclos das estações.

“Quanto à beleza da natureza, ela sempre volta depois que é destruída pelo inverno, e esse retorno bem pode ser considerado eterno, em relação ao nosso tempo de vida...” (Freud, 1916/2010a, p. 249).

Mesmo na transitoriedade, havia alguma permanência reaseguradora.

Não mais.

A dimensão traumática dos eventos climáticos

Dizem que o criador perguntou assim:

– Os brancos estão tratando bem vocês?
Pode me contar o que os brancos estão
fazendo com vocês?
(...)

– Quando eu vir secar esse rio onde
vocês estão, com os brancos destruindo
tudo, eu não saberei o que vou fazer.
Quando não existirem mais sinais de
vocês, quando só restarem os brancos,
eu vou afastar os sapos que seguram as
duas pontas do céu. O céu vai cair.

⁶ Nurit Bensusan, bióloga, ativista ambiental e escritora prolífica (além de amiga querida) se define a si mesma como “ex-humana”, o que parece cada vez mais razoável e sensato. Afinal, o que é, hoje ser um humano?

E vai acabar tudo.
(Tinini Juruna)⁷

Os sintomas do adoecimento psíquico provocado pelas mudanças climáticas se multiplicam também nos consultórios dos psicanalistas, nas falas sobre os desastres climáticos das pessoas que os viveram pessoalmente, ou daquelas, como a maioria de nós, que assistimos as notícias diárias sobre eventos extremos. Ecoansiedade, solastalgia, luto ambiental, trauma climático, palavras novas que tentam dar conta de um fenômeno que já não pode mais ser ignorado.

Solastalgia, neologismo criado Glenn Albrecht (2005), combina diferentes dimensões da sensação de vermos nossos lugares (e os de nossos ancestrais) ameaçados ou destruídos. Albrecht combinou diversas palavras, buscando traduzir a complexidade do sofrimento vivido pelas vítimas desses processos: ‘*solace*’ (consolo), ‘*desolation*’ (desolação), ‘*algia*’ (dor).

A palavra “consolo” está relacionada tanto a contextos psicológicos quanto físicos. Um significado refere-se ao conforto que alguém recebe em tempos difíceis (consolação), enquanto outro se refere àquilo que oferece conforto ou força a uma pessoa. Uma pessoa ou uma paisagem pode oferecer consolo, força ou apoio a outras pessoas. Ambientes especiais podem proporcionar consolo de maneiras que outros lugares não conseguem. Portanto, solastalgia refere-se à dor ou angústia causada pela perda ou incapacidade de obter consolo associado ao estado negativamente percebido do ambiente doméstico. A solastalgia existe quando há a experiência vivida da desolação física do lar. (Albrecht et al., 2007, p. 96)

Ela é mobilizada não somente pela perda literal ou pela remoção forçada de um território, mas também pela ameaça de transformação e sensação de impotência diante de uma mudança inevitável revestida de senso de injustiça ambiental. Originalmente pensada para descrever a situação de populações originárias australianas, a solastalgia agora faz sentido em diferentes e mais amplos contextos. Áreas urbanas com grandes projetos econômicos, regiões de baixa renda onde a ausência do Estado produz miséria e degradação urbana, áreas afetadas por guerra, mineração, inundações ou incêndios devastadores; em todas elas, escutamos vozes que a expressam.

7 <https://vimeo.com/179228552>

A solastalgia vem acompanhada pela ecoansiedade, uma condição psicológica angustiante que surge como resultado do aumento das preocupações sobre o futuro diante das mudanças climáticas e de seu impacto sobre o futuro (Clayton et al., 2017). Aqui, estamos no terreno do *Realangst* (Freud, 1926/2014b). São situações provenientes do mundo externo extremamente ameaçadoras que encontram eco em nosso mundo interno e em nossas experiências de vida. De fato, deveríamos estar mais ansiosos do que estamos.

E os efeitos das mudanças climáticas exigem de nós um intenso trabalho de luto. Luto difícil, de lugares, de modos de vida, de paisagens, de espécies. Para a tanatologista Kriss Kevorkian (2019), um dos motivos de nossa inação diante da destruição é a falta de um léxico equivalente ao do luto humano para a perda do mundo natural e das suas criaturas. Não havendo palavras, o irrepresentável assume o caráter de trauma. O “luto ecológico”, lembram Consulo e Ellis (2018), é uma resposta natural às perdas ambientais, especialmente para pessoas com fortes laços de vida, trabalho e cultura com o ambiente natural, e deverá ser sentido com mais intensidade e por mais pessoas à medida que avançamos no Antropoceno.

Novos conceitos, que nascem de outras palavras, prenhas de perplexidade, daqueles que buscam traduzir a angústia e os ecos do trauma em depoimentos, sessões de análise, sonhos, entrevistas... Como Jane, paciente de 24 anos, que me procurou em razão de suas agudas crises de ansiedade, que ocorriam quando via notícias sobre catástrofes ambientais.

Quando eu vejo as imagens dos desastres na tv, começa a me dar taquicardia. Outro dia falei com uma amiga de Cuiabá, que me disse que lá estava fazendo 44° C. Tenho medo que o mundo acabe. Eu fico pensando no Pedro (filho de 2 anos) e começa me dar uma sensação muito ruim, falta de ar e medo de que eu e todo mundo que eu amo vai morrer. O psiquiatra disse que é bobagem, que ninguém vai morrer por causa disso, mas eu tenho medo.

À sua voz, somam-se tantas outras....

Eu abri a minha janela e vi uma movimentação das minhas vizinhas conversando. (...) Elas falaram ‘estão arrancando as árvores, dizem que vão arrancar as nossas garagens’. Eu fiquei desesperada. Chamei minha outra filha e fomos correndo para a rua de trás, que dá para ver melhor o terreno (...) No mesmo dia eles já começaram a cortar as árvores grandes. Tem árvores aí de 60 anos, e eu moro aqui há 29 anos. Meus filhos todos eu criei aqui, tudo nosso é aqui. Eles simplesmente chegaram cortando tudo e dizendo que nós vamos ter que sair daqui do nada (...) O psicológico da gente não

aguenta, porque você não dorme, não consegue dormir. (...) Sabe quando você acorda e o assunto que vem é aquele? Meu deus, o que será que vai ser da gente? (Depoimentos de moradoras da Vila Mariana ameaçadas por obras da prefeitura de SP)⁸

Eu tinha pena dos outros que eu via no abrigo, mas eu pensei: ‘eu nunca vou precisar’. Eu tinha pena de ver aquelas pessoas tudo de fora, na água se mudando, casa caindo. Agora chegou na minha casa isso aí. Eu estou desesperada. Nunca pensei que ia passar por isso. (Belmira Ramos, aposentada, sobrevivente da enchente de maio/2024 no RS)⁹

A gente diz que são os seres vivos que fazem o fundo dos rios. O rio Xingu antigamente era fundo. Com a chegada do branco, com tudo o que eles fizeram nas margens, o rio está ficando raso, pois os donos do rio estão indo embora. (...) Os seres vivos da natureza também estão desaparecendo. Antigamente você escutava os donos do mato. Meu bisavô sempre escutava ka’a itat, a dona do mato. Hoje você quase não ouve eles gritando¹⁰.

Bem, acho que estamos entrando em nosso quinto ano de seca... B [a nora] e eu, hum, nossos jardins tiveram que morrer porque a represa da nossa casa está seca... então, isso é muito deprimente para uma mulher, porque um jardim é um oásis aqui fora, com toda essa poeira... tudo isso se foi.. (Agricultora australiana, como citado em Albrecht et al., 2007, p. 3).

Sonhei que estávamos minha mãe, eu e minha filha num carro. Três gerações de nossa linhagem feminina, cujas iniciais formam MAR. Me lembro de ter pensado isso no sonho. Atravessávamos uma ponte longa. De repente, percebíamos um tumulto. As pessoas estavam subindo pelas rochas que formavam as paredes da ponte de ferro, mas as águas vinham com toda força e invadiam a ponte, inundando tudo. Percebi que não alcançaríamos a outra margem do rio. Seríamos tragadas pelas águas antes mesmo de atravessá-las.

8 <https://averdade.org.br/2024/11/comunidade-souza-ramos-enfrenta-tentativa-de-despejo-da-prefeitura-de-sao-paulo/>.

9 <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/06/veja-relatos-de-vitimas-das-enchentes-no-rs-agora-chego-aqui-e-nao-sei-se-tenho-mais-casa.ghtml>.

10 https://pib.socioambiental.org/pt/%22O_rio_Xingu_antigamente_era_fundo..._Est%C3%A1_ficando_raso%22.

Olhei para minha mãe e para minha filha com uma sensação estranha de que em instantes nos tornaríamos uma só, ali misturadas com a fúria das águas. E pensei: é o mesmo que sente o rio na foz, quando ele deixa de ser rio e se torna oceano.¹¹ (Sonho de Alice, 39 anos).

A gente se defende como pode

Se um físico fosse capaz de provar aos senhores que a vida orgânica na Terra tem pouquíssimo tempo para escapar a um congelamento total, ousariam os senhores revidar: “Não pode ser. Essa perspectiva é muito desagradável”?
(Freud, 1917/2014a, p. 196)

As ciências não sabem precisamente o que vai acontecer, mas buscam compreender o que está ocorrendo com o planeta e alertar os seres humanos sobre a necessidade de mudanças. Mas, por mais que essa informação seja difundida, parece haver um fosso crescente entre o conhecimento científico e uma parte da opinião pública que o nega. Essa negação é promovida por quem lucra com atividades emissoras de carbono, e tem a cumplicidade de poucos cientistas, autodenominados “céticos climáticos”, tal como ocorreu durante as campanhas de popularização do tabaco no século XX (Hoggett, 2013). Uma guerra de informação alimenta nosso desejo de acreditar que nada de grave está acontecendo e não é preciso fazer nada. Sabemos, como analistas, que é possível ajudar o paciente a ter acesso a um conteúdo reprimido sem que, mesmo assim, o processo de repressão seja removido. As consequências da crise climática, excessivamente ameaçadoras, produzem uma sensação de impotência que alimenta esse processo.

Há outros motivos que nos levam à inação. A sensação de que pouco podemos fazer, ou a descrença em nossa capacidade de agir ou a dúvida de que nossa ação individual faça diferença. Além disso, somos constantemente encorajados a agir no sentido contrário, a consumir. O resultado é uma paralisia. Podemos começar suprimindo de forma consciente o problema, evitando notícias sobre o tema ou saindo da sala diante das perturbadoras imagens de desastres no telejornal, o que abre caminho para os processos mais elaborados da repressão e da desmentida. De fato, vivemos, mais do que tudo, uma cultura da desmentida.

¹¹ Projeto Jacarandá – Sonhar em rede. Ele deixa de ser rio e se torna oceano. https://www.instagram.com/p/C8M3Gg_ua8c/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

Sim, as mudanças climáticas existem, mas suas implicações não são assim tão grandes quanto dizem os cientistas. Eles mesmos encontrarão uma saída para essa crise. Tempos curiosos, em que, ao mesmo tempo em que negamos as ciências, depositamos nelas nossa fé no futuro.

Dodds (2011) lembra que nossa evolução nos preparou para reagir a perigos imediatos, claros e visíveis, com causação simples por um inimigo facilmente identificável. A mudança climática é invisível, complexa, incerta em seus impactos e provocada por todos nós (embora muito mais por alguns poucos). E pensar o fim do mundo é vislumbrar nossa finitude e morte, tema que gera enorme ansiedade. As Visões de mundo e a própria cultura nos oferecem uma imortalidade simbólica, e tornam-se mais rígidas e menos tolerantes quando confrontadas com sua própria morte (Becker, 1973), tornando-nos ainda mais refratários à necessária mudança. Nesse cenário, a negação e a desmentida ganham terreno. O avanço da extrema direita não é um acaso.

Uma plêiade de defesas psíquicas é mobilizada para enfrentar a ecoansiedade (Dodds, 2011). Na cisão, uma parte de nós aceita que as mudanças climáticas ocorrem, mas outra rejeita nossa responsabilidade em relação a elas. Resultado de uma cultura de idealização, ela nos afasta de grupos menos privilegiados, do resto do mundo natural e mesmo do futuro (que diria respeito somente às gerações futuras). Pode tomar a forma de uma intelectualização, que separa a consciência do perigo de um real engajamento emocional ou ser convertida em um deslocamento do afeto para um alvo menos ameaçador, como comprar uma camiseta com os dizeres “salvem as baleias”. Outra reação, presente em alguns chamados “céticos climáticos”, é a formação reativa. Algumas pessoas podem ser levadas a consumir mais, ou a produzir mais lixo, de forma a se convencer (e aos demais) de que o problema não existe.

Enfim, a psicanálise nos lembra que nosso repertório de defesas é vasto e eficiente em nos afastar da realidade dolorosa.

Esse trauma tem cura?

Então, é preciso dançar e cantar para
suspendê-lo [o céu], para que as
mudanças referentes à saúde da Terra
e de todos os seres aconteçam nessa
passagem. Quando fazemos o taru andé,
esse ritual, é a comunhão com a teia da
vida que nos dá potência
(Krenak, 2020, p. 46).

...há uma necessidade urgente nestes tempos de crise ambiental de permitir-nos experimentar a alegria, com sua afirmação simultânea de nossa singularidade e união (não apenas como humanos, mas com todas as formas de vida) como analistas, pacientes, ativistas e como uma espécie compartilhando este mundo com nossas criaturas vivas companheiras. Há alegria e celebração em sentir nossa conexão com a teia da vida em si, e os possíveis novos agenciamentos que ela nos permite formar. Precisamos desenvolver uma abordagem psicanalítica mais profunda da alegria e descobrir o que a impede. Dançando no fim do mundo? Esperemos que a música continue por um pouco mais de tempo, pelo menos. Talvez então, se nos permitirmos realmente desfrutar de nossas vidas, possamos lutar mais arduamente contra nossa extinção. (Dodds, 2022, p. 1265).

A psicanálise, afinal, não busca a cura, mas a integração de partes cindidas do indivíduo, por meio de um longo e penoso processo de elaboração a dois, de modo a torná-lo mais capaz de enfrentar a realidade. O que é possível fazer, no campo da psicanálise, fora de nossos consultórios e em nossa clínica? Qual nosso lugar em face da catástrofe que resulta no trauma climático?

Bion (2005) descreve a mudança catastrófica na análise como um momento brusco e violento que subverte a ordem ou o sistema de coisas, e, em *Memória do Futuro* (Bion, 1991), assinala que ela pode também representar uma erupção ou desobstrução. Vivemos uma catástrofe, evento que rompe com o presente e lança o futuro numa estrada desconhecida, impondo à psicanálise e aos psicanalistas uma mudança de postura em relação ao mundo. Na clínica, há uma ampliação do entendimento do ambiente externo, como recomenda Searles, de modo a buscar compreender em que medida esse ambiente que muda de forma catastrófica

repercuta sobre o psiquismo de nossos pacientes. Fora da clínica, somos chamados a usar nossas mentes e nossos conceitos para compreender o que se passa no mundo, e agir nele. Somos todos, analistas e analisandos, sujeitos desses tempos de catástrofes e já não cabe a ilusão de um isolamento em nossos consultórios.

Não estou sugerindo que abandonemos nossas ferramentas terapêuticas, mas que as usemos com a consciência de um planeta que está mudando rápida e profundamente. (...) Quando falo de consciência global, estou falando de uma perspectiva em que a diferença entre cliente e terapeuta é apenas uma diferença de papel. Somos igualmente responsáveis pelo estado do planeta e igualmente afetados por ele. Devo dizer que não vejo meus colegas muito mais livres de mal-estar e negação do que meus clientes. Não é estranho que nós, supostos especialistas e curadores das relações humanas, prestemos pouca atenção à nossa relação extraordinariamente insalubre com o planeta como um todo, uma relação que, em última análise, minará completamente nosso trabalho? (O'Connor, 1995, p. 155)

Para Amitav Ghosh (2022), parte da dificuldade humana em enfrentar a crise climática se deve a uma incapacidade de contar novas histórias – sofreremos uma crise de imaginação. Ghosh também pensa, como Searles, que isso se deve ao nosso afastamento do mundo não humano e da crença fantasiosa de que a ciência e a cultura seriam capazes de manter o mundo numa moldura regular e previsível. Mas

... na era do aquecimento global, nada realmente está muito longe: não há lugar onde as expectativas ordeiras da vida burguesa permaneçam sob rígido controle. (Ghosh, 2022, p. 34)

Ele prossegue:

...essas mudanças não são apenas estranhas no sentido de serem desconhecidas ou distantes; o incômodo reside precisamente no fato de que nesses encontros reconhecemos algo de que havíamos nos afastado, isto é, a presença e a proximidade de interlocutores não humanos. (Ghosh, 2022, p. 39)

A psicanálise nasceu como parte da promessa de que a cultura e a ciência nos libertariam das amarras da natureza, resolvendo também crises tecidas por nós. Apesar das forças do inconsciente, parte da própria natureza, o autoconhecimento e a compreensão do mundo nos permitiriam enfrentar os desafios naturais. Mas, no tempo das catástrofes, alerta-nos Isabelle Stengers (2015), já não podemos confiar em que as ciências nos salvarão das ameaças futuras; a “economia do crescimento” falha em evitar a barbárie e em sustentar o insustentável. É imperativo sonhar um novo mundo.

Ao encontrar o eco das catástrofes climáticas, a psicanálise é chamada a reimaginar nossa relação com o planeta, também em nosso campo de trabalho. A desconexão da humanidade com o mundo natural, como um trauma profundo, exige uma cura que transcende o individual e abraça o coletivo, para que possamos dançar e cantar, não como uma fuga, mas como um ato de resistência e celebração da vida.

Referências

- Albrecht, G. (2005). Solastalgia: A new concept in health and identity. *PAN: philosophy activism nature*, 3, 41-55.
- Albrecht, G., Sartore, G., Connor, L. Higginbotham, N., Freeman, S., Kelly, B., Stain, H., Tonna, A., & Pollard, G. (2007). Solastalgia: The Distress Caused by Environmental Change'. *Australasian Psychiatry*, 15 (Suppl.), 95-98.
- Clayton, S., Manning, C. M., & Hodge, C. (2021). Mental health and our changing climate. *PsycEXTRA Dataset*, March, 13–28 <https://www.apa.org/news/press/releases/2017/03/mental-health-climate.pdf>.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Zahar.
- Becker, E. (1973). *The denial of death*. The Free Press.
- Bion, W. R. (2005). *Transformações: Do aprendizado ao crescimento*. Imago. (Trabalho original publicado em 1964).
- Bion, W. R. (1991). *A memoir of the future*. Karnac Books.
- Cunsolo, A., & Ellis, N. R. (2018). Ecological grief as a mental health response to climate change-related loss. *Nature Climate Change*, 8(4), 275-281.
- Dodds, J. (2011). *Psychoanalysis and ecology at the edge of chaos. Complexity theory, Deleuze/Guattari and psychoanalysis for a climate crisis*. Routledge.
- Dodds, J. (2022). Dancing at the end of the world? Psychoanalysis, climate change and joy. *Journal of Analytical Psychology*, 67(5), 1257–1269.

- Freud, S. (2010a). A transitoriedade. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 12, pp. 247-252). Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1916).
- Freud, S. (2010b). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 14, pp. 108-121). Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (2010c). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 18, pp. 13-121). Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1930).
- Freud, S. (2014a). Fixação ao trauma, o inconsciente. Conferências Introdutórias à Psicanálise. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 13, pp. 364-381). Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1917).
- Freud, S. (2014b). Inibição, sintoma e a angústia. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 17, pp. 13-123). Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1926).
- Freud, S. (2014c). O futuro de uma ilusão. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 17, pp. 231-301). Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1927).
- Freud, S. (2016). Estudos sobre a histeria. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 2, pp. 9-427). Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1896).
- Freud, S. (2018a). Moisés e o monoteísmo. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 19, pp. 13-188). Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1939).
- Freud, S. (2018b). Compêndio de psicanálise. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (P. C. de Souza, Trad., Vol. 19, pp. 189-273). Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1940).
- Gosh, A. (2022). *O grande desatino: Mudanças climáticas e o impensável*. Quina.
- Hogget, P. (2013). Climate change in a perverse culture. In S. Weintrobe (Ed), *Engaging with climate change: Psychoanalytic and interdisciplinary perspectives* (pp. 123–136). Routledge.
- Jetnil-Kijiner, K. (2014). United Nations Climate Change Summit Opening Ceremony—A Poem to My Daughter. <https://www.kathyjetnilkijiner.com/united-nations-climate-summit-opening-ceremony-my-poem-to-my-daughter/>.
- Kevorkian, C. (2019). On environmental grief and the rights of nature. <https://seeingthewoods.org/2019/05/03/environmental-grief-and-the-rights-of-nature/>.